

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

16 DE FEVEREIRO DE 1910

N.º 266

Dois annos depois da tragedia do Terreiro do Paço

Exequias na Sé de Lisboa por alma de El-Rei D. Carlos
e do Principe D. Luiz Filippe



(Cliché de J. Benoliel)

À sahida do templo — El-Rei e a Rainha entrando para a carruagem

EXEQUIAS

Auctoridade, sentimento, fórma, de commemorar acontecimentos tragicos, como o de 1 de fevreiro de 1908, só a Egreja. Por isso ella, em todas as ceremonias graves da sua lithurgia, em exequias, em missas, em *libera-me*, recordou ao paiz inteiro, e lá fóra, a milhares de pessoas tambem, a tragedia pavorosa d'aquelle dia, sobre o qual acabavam de decorrer dois annos.

Entre todas essas ceremonias, humildes ou imponentes, ou realizadas no fundo de uma aldeia, dentro das quatro paredes nuas de uma igreja

dominando pelos encantos da sua formosura de mulher ou pelos fulgôres da sua corôa real. Não. Era um filho estremeado e extremoso, era um irmão adorado, era uma esposa sem marido, uma mãe sem filho, que iam prantear mais uma vez a sorte barbara e funesta, que bruscamente, criminosamente, arrancára de chofre, em presença de ambos, aos seus affectos, ao seu coração e á sua vida, aquelle rei cheio de bondade, aquelle principe de martyrio. Eram esses dois infelizes, para sempre marcados pelo destino cruel e iniquo, que iam juntar as suas lagrimas ás preces da Egreja, e suffragar com as suas orações as almas dos queridos mortos. Luto nas vestes, luto na alma, luto no ceremonial religioso, todas as vaidades do mundo, todas as grandezas e magnificencias da terra, estavam afastadas, estavam bem longe, d'aquelle posto de soffrimento. O embuste, a ficção e a mentira deixaram á porta todos os seus adornos

Exequias na Sé de Lisboa por alma de El-Rei D. Carlos e do Principe D. Luiz Filippe



Nas escadinhas da egreja — Aguardando a chegada de Suas Magestades
O Principe Real Senhor D. Affonso e os srs. Veiga Beirão, presidente do conselho, Moreira Junior, ministro das obras publicas
(Clické de J. Benollet) e João de Azevedo Coutinho, ministro da marinha

sertaneja, ou de uma pobre ermida, ou celebradas nas cathedraes com toda a pompa do ritual, sobresahiu e avultou aquella que na Sé patriarchal de Lisboa foi celebrada no dia commemorativo do infausto acontecimento. O que a tornou grande, sobre todas imponentissima, commovente mais do que todas, não foi bem a pompa das vestes prelaticias, a mitra do patriarcha de Lisboa presidindo á solemnidade do acto, as musicas sacras reboando pelas abobadas da egreja, os esplendores do catafalco regio attrahindo todas as vistas, os officios funebres recitados ou entoados pelos beneficiados e pelos conegos, a grandeza severa da decoração do templo.

Não. O que tornou essa cerimonia sobre todas indelevel, o que deu a essas exequias um cunho poderoso e inapagavel, foi a presença de duas personagens, cujo luto, cuja amargura soffreada, cuja indizível magoa, as tornava nesse momento, entre quantas se agglomeravam no sagrado recinto, as mais desventuradas, as mais dignas de piedade. Não era um rei, na evidencia da sua hierarchia magestática, não era uma rainha

e todo o seu poder. N'aquelle momento de commemoração religiosa, só tinha voz a sinceridade, só estillava o pranto, só a saudade sangrava, só era eloquente o silencio do coração. Porisso todos os olhares se voltavam attentos e piedosos para as figuras de desolação de um filho, maior pela sua desventura do que o Rei pela sua magestade, de uma viuva e mãe, cuja infinita magoa cobria e ofuscava todos os esplendores da Rainha.

E o poder paternal e consolador da Egreja é tão vasto e misericordioso que nessa hora commemorativa chegava a abranger o esquecimento do crime e a não recordar que houve criminosos. Por entre as supplicas entoadas a Deus no latim lithurgico, o que se pedia ardentemente era o eterno repouso das almas das duas victimas immoladas á perversidade humana; não era a condemnação dos seus algozes, que essa nem dos piedosos corações brotava, nem vinha á flor dos labios.

«Luar de janeiro»

O luar de janeiro na Guarda, a terra de Augusto Gil, tem o brilho frio e claríssimo de um sol congelado que não perdesse a luminosidade.

Como se a lua fosse peneirando uma neve invisível, sentimos, ao cahir nos a sua luz alvíssima sobre os ombros, que um gelo subtil tudo repassa e endurece, desde as folhitas das searas mal nascidas ao coração do maior bloco granítico. E ao vermos lentamente embranquecer de geada a terra aspera e negra da Beira triste, julgamos que essa geada é o mesmo luar condensado.

Quando uma noite de janeiro, morta e clara, assim me congela, todo me acautelo a guardar a vida, porque os meus olhos, remontando o luar, adivinham nas sombras altas a mão escura da Noite

um habil combinador de tintas, parece dizer-lhe no fim de cada pagina: *misture . . . e verá.*

Diz-se que o facto assustador de toda a gente, em Portugal, mal sahida da palmatoria primaria, fazer versos, é uma exuberancia de sentimentalismo. Não será antes uma visão ampliada das applicações do systema metrico? Porque não?

Um grosso contingente dos modernos vates lusitanos têm da linha a noção exacta do metro, que é a *decima millionesima parte do quarto, etc.*, e da euphonia linguistica distingue apenas o som pardo e divisorio da soletração syllabica. O sentimento cae-lhe da alma, methodicamente, pinga a pinga, syllaba a syllaba, como por um conta-gottas. Para estes a poesia é a exactidão geometrica dos submultiplos das medidas lineares applicada á morphologia verbal. Analfabetisa-los era um dever social se houvesse um methodo de desapprender a ler.

Mas como hei-de fazer agora uma transição critica para Augusto Gil? Valha-me Deus! . . . E' saltar das pedras brutas para um astro



Exequias na Sé de Lisboa por alma de El-Rei D. Carlos e do Principe D. Luiz Filippe

(Cliché de J. Benoit)

El-Rei e Sua Magestade a Rainha entrando na Sé

guiando a lua, a lanterna tragica que allumia á Morte os caminhos e as creaturas do mundo. . .

Por tudo isto o luar de janeiro não é accete na minha alma com inteira sympathia. Mas, já assim não acontece com o *Luar de janeiro* de Augusto Gil. Desde a primeira poesia que deu o nome ao livro até á parabola final, não canta um só verso que a minha alma não entenda, e sempre que os meus dedos o abrem n'um carinho de religiosidade artistica, sinto abrir-se-me o coração a recebê-lo.

Como neste livro vibra quente e saúdosa, em versos de clarissima perfeição, a alma portugueza!

Em frente do *Luar de janeiro*, quasi a totalidade dos nossos poetas devia envergonhar-se, conhecer-se, fazer um acto de attricção e nunca mais . . . peccar.

E' triste dizer isto, mas é dizer a verdade.

Para alguns dos nossos poetas, cada reunião de linhas é uma poesia, contanto que cada verso seja uma flor e cada pagina um ramalhete. Somente esquecem que uma florista analfabeta, aproveitando n'essas paginas as margens brancas do papel, recortando-as, colorindo-as e armando-as sobre fios de arame, consegue realisar o mesmo ideal artistico. . .

Para outros, ebrios de parnasianismo, a poesia é apenas a luz, a cor; mas as tintas apparecem meticulosamente separadas, quasi embrulhadas, em cada verso. O poeta, certo de ter em cada leitor

Demos o salto.

Para Augusto Gil, comparando-o agora com alguns dos nossos melhores poetas, um sentimento não é uma sobreexcitação nervosa de momento, mas sim uma modalidade emotiva que marca uma alma n'um inconfundivel relevo subjectivo.

Disse já alguém que em arte ou se é cosmopolita ou se é patriota; estrangeiro é que não.

Ora Augusto Gil é o mais portuguez dos nossos poetas actuaes. Não é um cantor de pathologias exoticas com delirios obsessivos de originalidades estranhas; é o poeta simples, sagrado do genio, que entra na alma do povo a acorda-lo de um sonho longo.

Nos seus versos não ha um fundo berrante de tintas espessas onde o sentimento desmaie de enjão, não se descobre um traço de pincel que arranhe as pupilas encantadas: os versos, ao brotarem-lhe da alma, trazem já como as flores da serra, a sua coloração natural, viva e simples. Não ha ninguem, nenhum critico, que possa despir, desmontar-lhe uma pagina, dividindo n'ella a forma, a ideia, a tonalidade, como ninguem pode separar, n'uma flor, a cor e o aroma, das formas. E todavia, hoje, é tão facil desmontar a maioria dos nossos livros, peça a peça, como foi facil ao typographo distribuir o typo da composição. Dissolvem-se as tintas de uma produção litteraria como se lavam as faces de uma mulher pintada, descozem-se-lhe os vestidos bem talhados, desarticulam-se-lhe protuberancias e curvas, forma por forma, linha por linha, achando-se

por fim, no coração do mono artístico, um corpito de rachitico semivivo, quando se não encontra um manequim de anatomia picaresca trabalhado por um carpinteiro de enxó e malho.

Como as flores ao crescer da terra, os versos tomam na mão de Augusto Gil as graças das formas naturaes, nuas, espontaneas. A poesia vive n'elles, divina e creadora como o aroma e a seiva na planta. Não ha na sua obra symbologias complexas nem transições abstrusas.

Para se comprehender e sentir uma poesia de Augusto Gil ninguém precisa de a ler duas vezes: a sensação e a percepção dos



Exequias na Sé de Lisboa por alma de El-Rei D. Carlos e do Príncipe D. Luiz Filippe
A Senhora D. Amelia sahindo da igreja
(Cliché de A. C. Lima)

seus versos, não se dão como dois factos psychologicos successivos, mas sim como dois factos simultaneos. Realisa-se na nossa alma um encantado desdobramento de facultades: não se sabe se é o coração que entende, se é a intelligencia que se commove.

Assim como ao cheirarmos uma flor, mesmo no escuro, conheçemos rapidamente: "é uma violeta.", assim tambem na emoção inconfundivel dos seus versos, mesmo antes de lhes saberemos o auctor, dizemos illuminados: "são de Augusto Gil." E chegamos a convencer nos de que o poeta escreve sobre retalhos intimos da nossa alma.

O que elle canta é o que nós pensamos e sentimos, mas que não sabemos dizer. São recantos da alma popular, recessos divinos da divina poesia onde apenas os sagrados podem entrar allumiados pelo genio.

Cada uma das suas quadras tristes de amor é um poema de quatro linhas, claras, quentes e simples como quatro lagrimas soltas brandamente de uns olhos doces de mulher bella. Quadras simples, adoravelmente simples, que são lagrimas choradas a alliviar o peito de quem as canta.

Em poesia, só o que é simples é grande, mas tambem só quem é grande attinge a simplicidade. Poesia verdadeira, pura, só é aquella que o coração acceta; e o coração, embora complexo nas suas emotividades, é de natureza tão delicada e simples que não recebe grossas confecções litterarias nem abstracções artisticas.

E para que ha-de o artista abstrahir, idealisar, se

...o idealismo é a nevoa ondeante
.....
Se aqui nos nossos olhos, no existente,
Ha tanta coisa que os attraia e valha?...

Por isso Augusto Gil não sae nunca da natureza, e para a maravilhosa poesia que é a *Parabola do pucaro d'agua*, basta-lhe um fio d'agua. Já o Supremo Artista do Evangelho tirava a immortalidade das suas parabolas de um simples grão de mostarda.

Torna-se impossivel dizer num só artigo tudo o que o *Luar de janeiro* nos suggere, tantas são as impressões bebidas nas suas paginas de impecavel factura. E' tambem difficil e ousado relevar preferencias, mas para a minha alma de serrano herminio, o lyrismo de Augusto Gil assumiu a perfeição maxima na *Ballada da neve*.

E' preciso ter-se visto uma nevada sahindo mansa no silencio alvaco, como pennas frias e miudinhas de passarinhos brancos transidos entre as nuvens, para se comprehender e sentir a verdade extranha e a toada leve, dorida, arrepiante, que vagamente se desprende d'esta ballada.

As *Sextilhas a um Menino Jesus de Evora*, *O nosso Iar*, *A toada para as mães acalentarem os filhos* e a *Canção das perdidas*, hão-de ficar constituindo preciosidades magnificas da litteratura portugueza. Cada uma d'ellas seria bastante para sagrar o auctor, se elle não fosse já um dos nossos poetas maiores.

Mas relevem-me os leitores do *Brasil Portugal* ainda duas palavras humildes sobre a *Canção das perdidas*.

Lendo-a com um olhar superficial, a bondade pisada que soluça resignadamente no peito d'essas *perdidas*, ha de parecer uma virtude artificiosa sem correspondencia real no fundo psychologico da mulher. E' um engano.

A alma da *perdida* pulverizou-se na carne como particulas de oiro no lodo da alluvião. Appareça a sollicitude e o fogo de um coração que as attraia, e todo o oiro esparso se refundirá na antiga alma. Na lama d'estas mulheres entra mais a lagrima da miseria que a humidade do vicio. Por isso ellas bem cantam:

Uma das santas do céu
E' Maria Magdalena.

Somente, como á linda e *perdida* hebreia de Magdalo, não apparece quem saiba e queira erguel-as.

Pode alguém dizer que na *Canção* não gemem verdadeiras mulheres de Portugal; mas são ruinas moribundas da mulher portugueza, e é quanto basta. O lume do prostibulo não lhes queimou as raizes atavicas, nem a vermina lhes roeu as fibras do coração. E' d'estas fibras vibrando-lhe no peito cançado que se desprende a *Canção das perdidas*, onde se canta o delirio do sacrificio, o fatalismo semita passado de religiosidade christã e a censura branda como esponja molhada em lagrimas de perdão a apagar a culpa alheia:

E ha no mundo quem affronte
Uma mulher quando cae!
Nasce agua limpa na fonte,
Quem a suja é quem lá vae...

A mulher é como a agua, diz Augusto Gil.

Divina imagem! Branda e doce se o sol — que é o amor do homem — a allumia, eternamente clara e simples se a bocca sabe bebbê-la, meiga e submissa, erguendo lyrios e aromas se o homem a conduz ao jardim, fazendo fatalmente lama se a tomba no pó — a agua é a imagem nitida que me dá inteira a mulher, e principalmente a mulher de Portugal.

A portugueza só não é boa, pura e clara como a agua da fonte.



Conde de Tattenbach

Antigo ministro da Allemanha em Lisboa

(† em Madrid a 10 de Fevereiro de 1910)

O sr. Conde de Tattenbach, fallecido ha dias em Madrid, victima de uma pneumonia, foi durante dez annos ministro da Allemanha junto da nossa corte e deixou em Lisboa muitas sympathias por se ter sempre affirmado um verdadeiro amigo do nosso paiz.

O illustre diplomata que descendia de uma nobre e antiga familia da Baviera, encetou a sua carreira em 1879 como secretario da legação em Pekim, desempenhando depois o mesmo cargo em Belgrado e Madrid.

Em 1889 foi nomeado ministro da Allemanha em Marrocos, onde se conservou até 1896, partindo d'alli para igual cargo na Suissa, onde permaneceu cerca de dois annos.

Apresentou as suas credenciaes a el-rei D. Carlos I, como enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Allemanha, junto da corte portugueza, a 21 de março de 1898, interrompendo essas funcções por occasião da visita de Guilherme II á nossa capital, para ir cumprir uma missão especial em Tanger, regressando ao seu posto, de onde ha dois annos saiu para ir occupar o de embaixador em Madrid.

se o homem não quer. Ha homens offerecendo almas tão seccas que as divinas qualidades da mulher somem-se lá como fios de agua n'um areial d'agosto. E nunca a agua acolhedora de uma fonte afogou um homem prudente...

Mas para se comprehender a terna delicadeza d'esta imagem, vamos buscar a outra pagina do livro, o que é a agua para Augusto Gil:

A agua é como a esperança
Que a tudo se sujeita...
Onde quer que se deita
Lá fica humildemente accommodada,
Seja a concha da mão de uma creança
Seja a taça lendaria da ballada...

E são talvez para nós — os homens — estes versos terríveis:

Bichos humanos, feras em pé
Sêde bondosos como a agua o é...

Ah! meu caro Gil! — você não se ria... — estes versos mereciam bem que todas as mulheres de Portugal subissem, em romaria consagrada, á *mais alta cidade portugueza*, para o beijar na fronte.

Mas nem por esta romaria se não effectuar Augusto Gil deixa de ser um dos nossos poetas actuaes mais queridos. Cantam-lhe os versos os simples de intelligencia e de coração. Do mundo intellectual e critico ainda nenhum aparo lhe rasgou uma pagina do *Luar*. Aquelles que sabem, como Bulhão Pato, os segredos da poesia, dizem-lhe deslumbrados: "Creia, Gil, que ninguém como você faz versos em Portugal!".

E eu, meu caro Gil, para aqui um pobre padre que nunca soffreu tentações de abandonar a sua fé, chego agora a ter medo de que você um dia se lembre de escrever uma heresia em verso...

Guarda, fevereiro de 910.

Padre ALVARES D'ALMEIDA.

Os macacos e os chinezes

Os chinezes não acreditam que os macacos tenham estomago.

Quando se lhes pergunta como podem esses animaes fazer a digestão, respondem elles singelamente que a fazem á força dos pulos que dão.

O consultorio de Luiza

O *Brasil-Portugal* informa hoje as suas amaveis leitoras de que, a partir do numero seguinte, em todas lhes serão dedicadas paginas espezias.

Luiza, pseudonymo brilhante de uma dama das mais consideradas na melhor sociedade de Lisboa, vae encarregar-se de uma secção permanente com o titulo acima, aliaz já conhecido de outras publicações em que a nossa moderna e illustre collaboradora firmou os seus creditos, pelas indicações justas, pelos conselhos dados a tempo, pelos esclarecimentos preciosos que ella suggere e sabe transmittir, com uma sciencia segura e um delicado tacto feminino a todas as pessoas do seu sexo, que sobre todos os assumptos que as interessem queiram recorrer á sua consulta... gratuita.

Escolhendo as columnas do *Brasil-Portugal*, para n'ellas exhibir o seu fino criterio e a sua provada experiencia, *Luiza* conquistou os nossos agradecimentos, como nos parece termos nós conquistado, por nossa parte, os de todas as senhoras ás quaes damos hoje a boa nova.

Uma secção de modas, acompanhada de gravuras, outra de variedades, completam a innovação que do numero seguinte em diante estabelecemos, para encanto e utilidade de todas as leitoras do *Brasil-Portugal*.

ASSUMPTOS HISTORICOS



Batalha de Tours

Quadro de Stemben existente no museu de Dresde

O accordo luso-brasileiro

Vae seguindo o seu caminho a idéa lançada pela Sociedade de Geographia, ha pouco mais de tres meses, para promover a approximação amovavel e definitiva dos dois povos que falam a lingua portugueza. Não vae tão depressa, é certo, como a impaciencia do auctor do projecto d'accordo o desejaria. Vae, porém, como pôde e como deve ir — lenta mas seguramente infiltrando-se na consciencia publica em Portugal e no Brasil, ganhando todos os dias terreno, conquistando a pouco e pouco novas e valiosas adhesões. E' este o caminho das idéias que triumpham. E o accordo luso-brasileiro ha-de triumphar, porque está na respiração latente das duas nações.

E' preciso que nos lembremos, para cobrar animo, que se trata de desfazer a obra d'afastamento dos dois paizes, que ha perto de um seculo se estão, pela vista curta dos governos, separando dia a dia um do outro. Trata-se de emendar agora o erro fatal d'este seculo de esfriamento mutuo. E tão colossal empreza, que teve de escrever uma nova pagina, não só na historia dos dois paizes irmãos, mas na historia da nossa idade, não pôde ultimar-se em horas ou mesmo em mezes, embora de persistente trabalho e de diligencia. Ha-de precisar de longos annos para se realizar na plenitude dos seus resultados beneficos. Isto mesmo previo o auctor da proposta, quando a organisou com o character complexo, que lhe dá o verdadeiro valor.

Não se trata nem nunca se tratou de uma unica questão concreta, contida n'um determinado instrumento diplomatico, que os dois governos tivessem de assignar.

Um accordo d'esses sobre um ponto unico, por importante que esse ponto fosse, seria forçosamente insignificante. Além d'isso como era obra exclusiva de chancellarias havia de tropeçar com as difficuldades, que em geral a burocracia costuma oppôr em todas as nações a qualquer idéia, que sae fóra da rotina consagrada pela inercia da tradição. O auctor do projecto de accordo luso-brasileiro conhece sufficientemente a historia, para não ter caído em semelhante erro. O alcance e a importancia da proposta da Sociedade de Geographia está exactamente em chamar para a realização do estreitamento de relações entre Portugal e Brasil, não sómente os *dois governos* mas muito principalmente os *dois povos*. Muitas das questões, com effeito, a que se refere a proposta, não carecem para ser levadas á pratica da intervenção directa dos dois governos. Basta que elles as não contrariem. O resto competirá aos interessados. Mais tarde, quando nas duas nações existir uma forte corrente de opinião a favor de determinadas medidas governamentais, para favorecer a approximação, é que os ministerios e os parlamentos de um e outro lado do Oceano serão chamados a collaborar na «grande obra», como órgãos da vontade nacional, que manifestará os seus desejos tanto mais imperativos, quanto mais consciente tiver sido a sua formação. E' esta a força incontrastavel do «accordo», e será esta a causa do seu inevitavel triumpho, cá e lá. O tempo, bem aproveitado, entende-se, por persistente e esclarecida propaganda, só pôde aproveitar-lhe.

CONSIGLIERI PEDROSO.

Que sejam um estímulo e um ensinamento as palavras que aqui ficam. Que os acontecimentos futuros, que a realidade já agora por nós todos ambicionada seja a confirmação absoluta e consoladora d'este patriótico anseio de um estado melhor, d'este desejo convertido em necessidade nacional, política, social, de que no futuro, os dois povos que falam a lingua portugueza de tal maneira se identifiquem e estreitem em todas as manifestações do Direito, em todas as vibrações do sentimento, e na equitativa reciprocidade de todos os interesses, que as duas patrias, sempre independentes e autonomas, formem uma patria commum.

Que formosas, que eloquentes e suggestivas palavras foram aquellas que em duas sessões, ambas já pertencentes á Historia, foram proferidas na sala Algarve da Sociedade de Geographia!

Na primeira foi o insigne presidente d'essa aggremação, por

tantos titulos benemerita, que em presença do ministro do Brasil, dos officiaes da armada brasileira, e de um publico escolhido e numeroso, em que o elemento portuguez fraternisava com o elemento brasileiro no mesmo caloroso enthusiasmo, desenvolvendo lucidamente, superiormente, os intuitos e os fins do projecto que concebera e elaborara, e que a Sociedade n'uma grande comprehensão civica perflhara immediatamente, arrancou, mais pela suggestão da idéa nobre do que da palavra eloquente, applausos estridentes, que eram a primeira étape da consagração publica!

Veio depois essa sessão, memoravel tambem, em que o chefe do Estado, sentindo como portuguez o que de portuguez havia n'esse projecto, timbrando em provar que tivera a previsão lucida, de que, transformado em realidade, elle só bastaria para fazer de Portugal uma patria maior, de sua propria iniciativa, alli, no seio da Sociedade, veio afirmar a sua adhesão plena, prometter a sua alta coadjuvação, e fazer votos pelo exito de tantas esperanças alli enunciadas e resumidas!

O governo pela voz do seu chefe, o Brasil pela palavra do seu representante, e a Sociedade de Geographia, cujos nobilissimos fins o seu presidente mais uma vez poz em fóco, todos, como se esse momento selemne antecipasse n'um fraterno e intimo estreitamento de pessoas o estreitamento vasto de duas nações, todos os que falaram e os que applaudiram, vieram demonstrar que já agora, os destinos teem de cumprir-se, as idéas teem de tornar-se factos, teem de transformar-se em acontecimentos as esperanças, o accordo dos corações será um dia o accordo dos interesses, e n'um futuro radiante, palpitará mais forte do que hoje, mais unisona, mais vibrante, a alma de dois paizes!



Conselheiro Miguel Martins d'Antas

Embaixador de Portugal junto da Santa Sé

(+ a 2 de Fevereiro de 1910)

O sr. conselheiro Miguel Martins d'Antas ha pouco fallecido em Roma onde desempenhava as funções de embaixador de Portugal junto de Sua Santidade, era o decano dos membros do corpo diplomatico portuguez em exercicio, tendo passado durante a sua larga e honrosissima carreira pelas legações de Madrid, Paris, Londres, Bruxellas, Haya, Vienna, Rio de Janeiro e Washington.

O illustre extinto era socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da Academia de Historia de Madrid e da Academia das Sciencias da Belgica; ministro e secretario d'estado honorario; habilitado com o curso do Real collegio militar; gran-cruz e commendador da ordem de Nosso Senhor Jesus Christo; commendador da ordem de S. Thiago (do merito scientifico, litterario e artistico); gran-cruz das ordens de Leopoldo da Belgica, de Carlos III de Hespanha, do Leão Neerlandez dos Paizes Baixos; commendador da ordem de S. Mauricio e S. Lazaro de Italia e grande official da Legião de Honra.

guras de leão, de leopardo ou de lobo. Os criados empregados em levar de comer aos animaes sagrados, tinham mascaras á similhaça d'aquelles animaes. Os sacerdotes d'Osiris, entre os Egypcios, e os sacerdotes d'Isis, entre os Romanos, andavam por costume mascarados.

Durante as prescripções dos triumviros, o Edil Volusio, informado de que a sua cabeça tinha sido posta a preço, pediu a um seu amigo, que era sacerdote d'Isis, a sua sotaina, e a sua mascara de cabeça de cão. Sabe-se que as antigas mascaras cobriam toda a cabeça. Com este disfarce sahio Volusio de Roma em pleno dia, e pelos caminhos usuaes. Se os olhos não estivessem habituados a ver repetidas vezes esta especie de mascaras, nada seria mais proprio a tornar suspeito o fugitivo proscripto.

Usavam-se egualmente mascaras nas ovações, e nos banquetes. Atheneo refere que Alexandre Magno se apresentava nos banquetes de cõrte, umas vezes disfarçado em Jupiter-Ammon, outras em Hercules, ou Mercurio, e até mesmo na Deusa Diana. Augusto appareceu mascarado em Apollo n'um banquete que deu aos seus amigos, em que todos se achavam disfarçados em Divindades.

Nas festas de triumpho permittia-se aos soldados a liberdade de chasquear o triumphador. Os que desempenhavam este papel tinham muito cuidado em se mascarar, já em Momo, já em Satyro, ou Cyclope. Os povos mais circumspectos sempre gostaram de mascaras. Os chinas disfarçam-se até para os enterros; os cantores, os bailarinos, e

os musicos que fazem parte do acompanhamento, levam vestidos extravagantes, e vão muitas vezes mascarados da maneira a mais ridicula, e ao metter o cadaver no féretro, juntam lhe umas pequenas mascaras de figura horrivel para estarem de sentinella ao defunto, e metter medo aos demonios.

Em França durante a primeira e segunda geração, o banquete que se dava depois das cerimonias mortuarias não terminava sem um ridiculo espectáculo de ursos, dançarinas e gente com mascaras de demonios: embriagavam-se depois em obsequio aos santos, aos anjos, e á alma do defuncto, sendo este costume era antiquissimo. Sabe-se que entre os Galos havia muitas irmandades que tomavam por divisa uma constellação. Aquelles confrades iam ás suas procissões e banquetes, disfarçados em leões, carneiros, ursos, e cães; isto é, debaixo da figura que se attribue ás constellações a quem tributavam cultos. Quando morria um confrade, enterravam-no com a sua mascara, e todo o acompanhamento ia mascarado. Egualmente se usava de mascaras na maior parte das antigas funcões publicas em França.

Diremos ainda uma palavra sobre as orgias que se praticavam no tempo do entrudo. Lê-se em Luciano, que além do escandalo no-

cturno e das desordens de dia, as Saturnaes dos antigos (a que substituímos em grande parte o entrudo) não eram de todo innocentes. As casas de jogo estavam abertas, e parece que alli se jogava com tanta imprudencia, como entre nós.

Em Veneza, as casas de jogo não estavam abertas senão pelo entrudo, e ninguem podia entrar n'ellas sem levar mascara. Só os nobres tinham direito de dar as cartas, e como podiam pôr os jogadores na rua quando queriam, a banca ganhava sempre. Estes absurdos privilegios em dias de libertinagem e licença, causaram muitas vezes serias rixas, que não terminavam sem effusão de sangue.

Se as festas de Saturno e de Baccho davam aos escravos dos Romanos o direito de obrar com liberdade, passadas ellas, havia muito cuidado em que voltasse cada um á sua esfera. Narciso, liberto de Claudio, sendo enviado ás Gálias por aquelle imperador, para socegar uma sedição suscitada entre a tropa, teve a audacia de subir á tribuna, e arengar ao exercito em lugar do General; mas os aoldados pozeram-se a gritar: *io Saturnalia!* (Vivam as Saturnaes!) como indicando que era aquella a festa das Saturnaes, em que os escravos figuravam de amos.

S. Carlos Borromeu foi um dos mais terribes adversarios do carnaval. As suas prégãos e os seus esforços conseguiram fazer supprimir, de alguma maneira, os bailes e as mascaradas na diocese de Milão, d'onde era arcebispo. Não havia ainda tres mezes que S. Carlos Borromeu tinha morrido, quando ressuscitou o carnaval mais extravagante que nunca, e em lugar de finalizar na terça feira, segundo o costume, os Milaneseos o prolongaram até ao



O carnaval de 1910 em Lisboa
Um cavalleiro de Malta



O carnaval de 1910 em Lisboa
Uma galera cheia de senhoras

sabado depois de quarta feira de cinza, como para se indemnizarem do tempo que tinham passado sem se mascarar.

Um auctor protestante attribue a origem do entrudo a uma seita denominada *montanistas*, que appareceu no quarto seculo. "Os Ascodrogitas affectavam uma grande santidade de costumes, diz elle, olhavam para a indulgencia dos peccados como uma fraqueza; tinham tres longas quaesmas; e com uma moral tão austera, renovaram o uso das Bacchanaes do paganismo. Mas nem por isso acreditamos que as orgias do carnaval se devvm aos Ascodrogitas. Em todos os tempos conhecidos se gostou dos divertimentos desta especie. Tertuliano não podia tolerar o ver que os christãos do seu seculo conservassem muitas festas do paganismo, e principalmente as Saturnaes e as Bacchanaes. Os santos padres que precederam a Tertuliano, já se queixavam do mesmo, e é provavel que os regosijos que encetam o anno entre todos os povos jámais fossem interrompidos.

Nas Bacchanaes de Athenas, os sacerdotes de Baccho traziam joieiras onde limpavam trigo; queria dar-se a entender, por este emblema, que era preciso, n'aquelles dias de demencia, esgotar todas as loucuras, e purificar a alma de tudo quanto tinha de mau, para se ter juizo depois.



O carnaval de 1910 em Lisboa
Um grupo de creanças mascaradas

(Clichés de A. C. Lima.)

Planta sem raizes

Os chinezes e os japonezes chamam *flor do ar* a uma planta, tão rara quanto interessante, que existe nos dois respectivos paizes. A referida planta não tem raizes; nunca nasce sobre o chão, apparecendo apenas em volta das arvores seccas, ou sobre as rochas escalvadas.

Cada talo d'essa planta notavel produz duas ou tres florinhas, similhantes a lyrios, mas d'uma transparencia admiravel, brancas e d'um aroma delicadissimo. A *flor do ar* pôde ser transportada a mil ou a mil e quinhentos kilometros de distancia, sem que deixe de crescer e florir, bastando para isso dependural-as n'uma vara.

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

Em terça feira de Entrudo. A agonia do Carnaval, O sol esconde-se envergonhado para não illuminar. Arlequim do Bairro Alto e Colombina da Mouraria. Variações sobre um velho thema. Como eu passei o Carnaval. Impressões de algumas leituras.— Quem gosou o Carnaval foi o sr. Beirão. Tres dias de paz. Como s. ex.ª os vae pagar com juros de usura. A paixão do sr. Beirão. «O penacho é meu...» O que temos que ver até ao fim do mundo.



hegam até aqui, ao meu tranquillo e pacato bairro, os ultimos ruidos do Carnaval, que se debate n'um stertor de miseria pelas ruas atulhadas de lixo da cidade baixa. E' terça feira de entrudo. O sol vae esconder-se depois de ter perdido o seu tempo a illuminar prodigamente, deslumbradoramente, o degradante quadro que é a folia carnavalesca entre nós. Arlequim do Bairro Alto cae estatelado a uma esquina, regongando com a lingua entaramelada pela vinhaça ingerida a sua ultima chalaça grosseira, a par da Colombina da Mouraria, que sente estourarem as arcas do peito tísico com a tosse que canta o hymno da sua desgraça.

Eu não sei dar noticias d'este Carnaval porque nunca a pude dar de outros. Sou naturalmente avesso á folia, por temperamento e por educação. Mas ha ainda uma rasão de mais peso: é que sou refrac-



O carnaval de 1910 em Lisboa
Dois pares interessantissimos

ctario á porcaria e não posso, sem uma desagradabilissima perturbação, encarar o espectáculo degradante do aviltamento. E isto que para ahí rebolou entre papelinhos, esguichos, tremoçadas e algaravias obscenas nos suados bailes de mascaras e na macabra enurrada das ruas, é o espectáculo mais vexatorio que possa deparar-se aos olhos de uma creatura de criterio e com rudimentares habitos de aceio. Dá náuseas. O entrudo portuguez é uma das coisas que me põe de más crencas com a vida. A' sua aproximação eu já me sinto mal disposto — com aquella anciedade de quem receia que lhe vá rebentar ao pé da porta um cano de exgoto. E metto-me em casa, aferrolho a porta, não recebo ninguém e faço todas as diligencias possiveis por esquecer que sou irmão em Jesus Christo das creaturas que andam lá por fóra. Eu, pouco leio talvez em virtude de muito tresler e para não estragar um resto de vista, leio constantemente n'estes tres dias. Guardo livros, revistas, até jornaes para ler no Entrudo. Ha quantos dias eu tinha tomado as minhas disposições para me salvar da catastrophe d'este anno! Ha mais de oito que sobre a secretária se amontoaram livros que eu guardava previdentemente para esta terrivel quadra: o *Luar de Janeiro* do poeta Augusto Gil, a conferencia sobre a poesia popular portugueza lida no theatro de Maria pelo sr. Alfonso Lopes Vieira, os *Contos de Março*, do dr. Luiz da Camara Reys, uma peça de Marcel Prevost, outra de Briaux e outra de Capus, as tres ultimas publicadas em França. Li tudo. E como tudo isso não chegasse, li as cartas do padre José Agostinho de Macedo á madre Feliciano do convento das Trinas, que o sr. dr. Brito Camacho reeditou em fundo da *Lucta* de hoje com o intuito de cortar as voadeiras ao ultramontanismo dominante. Feliz idéa, a do sr. Camacho, publicando essas cartas e felicissima idéa a minha, lendo-as. Ellas tiveram o condão de me recon-

iliar com o sr. Prevost, com o sr. Briaux e com o sr. Capus e até com o sr. Luiz da Camara, que é meu sobrinho e ailhado. As tres peças deixaram-me má impressão. Nenhum d'aquelles tres primeiros illustres homens de letras avançaram com ellas um passo litterariamente e ainda menos theatralmente no caminho glorioso que teem deante de si. Lindos dialogos — o de Capus é um encanto! — mas... mais nada. O sr. Luiz da Camara Reys, que apesar de ser meu sobrinho é um rapaz de incontestavel talento, tendo-se affirmado um verdadeiro homem de letras nos seus recentes livros *Cartas de Portugal e Paris*, cahiu no langará de reunir em volume, a par de bons trechos, solidamente construidos pela sua dextra e elegante penna de escriptor moderno e orientado, coisinhas gá-gás que produziu aos quinze e aos dezeseis annos, balbuciantes e pueris, ás quaes bastava a publicidade que em tempos idos tiveram em revistinhas lyceias e jornalinhos academicos.

Na sua conferencia, admiravelmente escripta, o sr. Alfonso Lopes Vieira manteve-se no posto galhardamente conquistado por uma obra primorosissima no verso e na prosa. E' o mesmo impecavel artista, sem um desvio, sem uma incorrecção. Alta intelligencia, espirito culto, ideaes nobilissimos. Lê-se com indizível prazer as soberbas pagina d'esta conferencia, embora por vezes se não concorde com algumas asserções. Assim, o Lopes Vieira cre que o povo portuguez não morrerá porque é sentimental. Eu acho que elle não corre esse perigo exactamente porque não enferma de sentimentalismo. Depois, está sobejamente provado que os povos praticos — os que não vivem de cantigas — é que se mantem e á tripa forra. E é rasoavel, que demonio! A verdade manda Deus que se diga: eu, por mim, entre um cheque von London and Brazilian Bank e a portuguesissima *Caninha verde*, não hesitava. Ia pelo cheque.

O nosso grande poeta Augusto Gil é que avança, avança sempre. Magnifico livro, este *Luar de Janeiro!* Que alma de poeta! que technica de artista! Soberbo! Este, sim. Este caminha, caminha sempre! E, de todos é o unico coxo, veiam lá! Um coxo que deixa os outros para traz e não faz versos de pé quebrado!

E quando eu digo que anda tudo ás vessas n'este mundo de enganos, chamam-me nomes feios!

Este Carnaval foi uma mina para o sr. conselheiro Beirão. Aparte um conselho de ministros realiado no domingo gordo, o illustre



(Cliche de A. C. Lima).

O carnaval de 1910 em Lisboa
A tuna de Valladolid



O carnaval de 1910 em Lisboa
Uma menina vestida de monarchia

presidente do conselho poude descansar, vêr-se livre de maçadas e accusações, seringaões burocraticas e pedidos de amigos. El-Rei em Mafra, as secretarias fechadas, os jornaes luctando com difficuldades para darem todo o noticiario da folia entredesca e portanto inibidos de tosar s. ex.* e pôr-lhe em duvida o seu retinto liberalism pé fresco, as clientellas partidarias jogando cocottes de areia e comendo fatias douradas... ah! assim vale a pena ser presidente do conselho!

Mas amanhã, quarta feira de cinzas, mal repousados ainda da pagodeira de trez dias, estremunhados, com a bocca sabendo a ferros velhos e os olhos papudos, os senhores jornalistas da opposição cahirão novamente em cima do sr. Veiga Beirão e dando largas às coleras represadas trez dias em homenagem aos immortaes principios... da folia.

E o sr. Beirão será o responsavel por tudo quanto para ahi se tem feito: prisões de carbonarios, prohibiões de cögadas, apreensões de tripas com alcool conjunctamente com os corpos dos conductores do contrabando, encerramento das côrtes n'uma época em que toda a gente descara as coisas sérias para brincar, quando o governo devia ser o primeiro a dar exemplo, apresentando em terça feira gorda o orçamento, a lei eleitoral, a suppressão do Juizo de Instrucção...

Palpita-me que amanhã começa a paixão do sr. Beirão. Ha até quem diga que dentro de trez semanas s. ex.* apanhará o beijo trai-

dor no Horto de S. Bento e que pouco depois, no palacio de José Ponce de Castro Pilatos verá com assombro o gato maltez lavar as mãos com a aspera e vermelha lingua ante as accusações de uns tantos e os protestos de innocencia do illustre chefe da situação.

Seja lá como fór, porem, o certo é que o sr. Beirão ha-de pagar com juros de usura os trez regalados dias em que se permittiu andar por casa de chapéu armado cantarolando uma parodia á conhecida copla:

O penacho é meu
Não o dou a mais ninguém

Zombando do sr. Alpoim que ao longe lhe respondia, rebolando-se, todo folião, na rua do Passadiço:

Se o penacho é teu
Arrecada-o muito bem!

Grandes coisas teremos de vêr! Ainda ha trez aspirantes á presidencia do conselo e o cometa Haley chega a 18 de maio. O que vale é que n'essa data acaba-se o mundo!

CAMARA LIMA.

Assumptos historicos



Livro dos Copos da Ordem de Sanctiago (na Torre do Tombo)

À esquerda vê-se o retrato de D. João II, que é o unico considerado authenticico

Terras gayenses



uem as avistar e considerar do rio, ha de tel-as por simples lingueta a que barqueiros amarrem espias. Atravessa-se do Porto para Gaya num barco cahiqueiro ou na ponderosa Ponte D. Luiz I que substituiu a Ponte Pensil e vae-se a ver essas terras gayenses conteem tractos de terreno para sementeira, isolamentos enlevadores para mansão de poetas ou de monges, espaço para uma expansão industrial se espreguçar á vontade, certa de se encontrar apoiada por aguas trabalhadeiras preses a lhe tocar os engenhos e fecundar os lavrarios do seu perimetro de roseiras e milharaes.

A espaços, a costeira descança a tomar fôlego, e uma quinta corta o pendor

com os seus taboleiros floridos. — a dos Cruzios, a do Michon, a de Campo Bello, os parques de *Grades Verdes*; ou, então, os braços arremangados do gayense, affeitos ao attricto do tolête, encaibam uma roçadeira ou uma enxada no rémo e desventram dos torrêsmos as lavouras de Coimbrões, de Perosinho, de Villar, de Canélas, de toda a zona sêcca de Villa Nova, o nucleo que nem o mar nem o rio alcançaram conquistar ás suas graças e ao seu poder.

Enxuto o lodo ribeirinho, ao tempo que a visinhança do rio vae esquecendo e a distancia desproporcionando o embarque, o cúme vinicola dá em desaparecer, o commercio capitúla e a vida virgílica solta o seu canto victorioso. Em logar do desageitado trapiche, levanta a candurosa casa de quinta, cercada de grades ou de seu muro branco bordado a folha de heras ou a madresilva.

Pela villa, a industria, mais alentada do que o commercio, ainda aguenta mais uns metros essa carreira em que a terra entra a fugir para o seu natural destino agricola. A breve trecho, porém, deixa de ouvir-se as explosões dos motores, e ao fragor da tecelagem ou das serrações da tanoaria que a mechanica arrebatou á sua tradição da morosidade manual, succede o mesmo ranger da nora de uma casa de lavradores, com sua meda de palha ao canto da eira, e uma moça alegrando o quadro com o rubor do seu saiote ou o vergel do seu lenço de ramagens.

Para lá do triangulo determinado por Santo Ovidio, pelas Devezas e pela Serra, respira-se a vida rural.

Deixa de cheirar ao tanino da aduêla, para rescender a fêno e a resinas.

Uma que outra quinta, em que o grangeio é apenas o caro en-



A praia de Villa Nova de Gaya, frente á rua Direita

tretimento do proprietario que a manda amanhar pelo prazer de comer nabças da sua quinta e de enfeitar a mesa com as suas flores, disfructos que já se topam mesmo por entre os adobes fabris e os toneis da villa.

Rendendo ás vezes mais do que esse recreio campestre do portuense preponderante nos fundos ou nos linhos, sorri um beiral de pequeno proprietario, breve mas prospero trecho da georgica gayense.

Empós, a exploração agricola em todo o seu proveito e grandeza, com uma razoavel ferra de gado bovino que a feira semanal dos Carvalhos ou de Santo Ovidio se regala de avallar em dez ou doze moedas e com um commercio lacticio que surte o sertanejo e ainda amamenta a cidade.

De modos que onde quer está uma téla feita, sem o pintor ter-se de fidigar na composição do assumpto ou na harmonia das côres.

Pois que é essa tira de aqueducto, nas alturas do *Sarão*, com uma corcova de sêrro por fundo, a folhagem aos rasgões, em arcos, no monumentoso murado, e duas figurinhas rusticas guardando a mansidão das rêzes n'um verde de campina reconciliadora, o que é isso senão uma téla feita, com todos os valores de luz, de tom, de arranjo e de poesia?

Um caminho do Candal ou da Raza, qualquer curva de estrada, um covêlo de encosta é um apontamento



Antonio da Rocha Leão

1.º Presidente do Município de Gaya

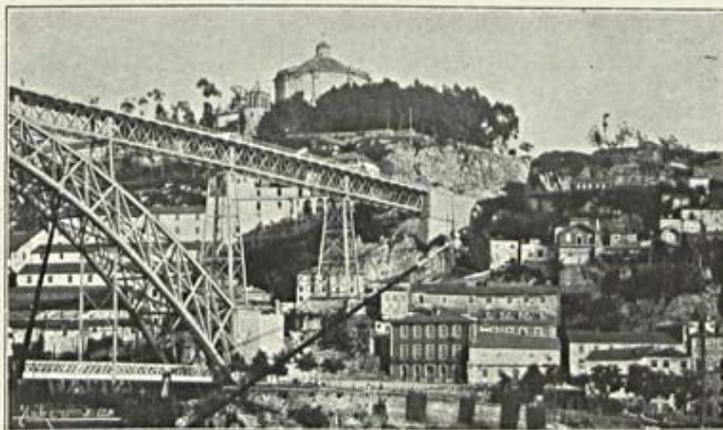
de album, um retalho de descriptiva: ou sombra melancolica de um carvalho ermando num atalho, ou bica de fontenario pranteando suas queixas aos passeantes, ou uma confluencia de carreiros que dão a suggestão de um isolamento de cêrca mostense, ou uma sêbe de amoras silvestres atalayando uma escultura viva.

Por sobre esses esboços, as vastas, folegadas descripções pantheistas em que o espaço se descoima de barreiras e o horisonte só se extingue com a facultade visual.

E a miude, onde menos se espera surpresar grandes longes. Assim, quem, desinteressado já da paisagem, por essa monotona estrada de Santo Ovidio aos Carvalhos, sahir a feira para ascender á torre da capella da Senhora da Saude, pouco mais contará divisar do que um fragmento da baixa proxima.

Afinal, se ha surpresa rija e se ha pantheismos grandiosos em derredor do Porto, é um d'elles esse lance d'olhos da Senhora da Saude, cuja ascensão suavizam pedras e laijas castrejas, symbolo denunciador do substractum, pouco fundeiro, do paganismo sobre que assenta a crôsta do christianismo.

Traçando com o olhar a rosa do sol á roda da cupula da torre, achegados a cruz na faixa do castro, campos de milho, chãos de ribeira,



Um trecho de Villa Nova de Gaya, dominado pelo zimbório da Igreja da Serra do Pilar

fertilidades lavradas prolongam ao norte a ridencia do vale, umbéias mareadas de pinheiros, generosas hospitalidades de carvalhaes e sobreiros defendem a cultura e o homem das ventanias do sul.

Cêrca, o *Mosteiro de Pedroso*, monumental testemunha do século xvii, a que a furia da modernisação e do branqueamento da pedra, começou por tirar a *patine* e acabou por lavrar a picareta, destruindo-lhe a authenticidade com o safar dos signos dos obreiros, flagicio exterior a que correspondeu igual ferocidade no interior onde á sobriedade da caixilharia das portas os barbaros decoradores sobrepuzaram requifes de cimentos como esses lavrados a canéla com que as cosinheiras portuguezas regavam o arroz doce; e, para coroação da obra, apearam o tecto em severos caixotes de bô castanho para lhe imbutir o nefando estuque, especie de machina infernal com que os mestres d'obras francezes dos fins do século xviii arrazaram os azulejos muraes dos nossos solares, (1) os tectos de talha, toda a severidade da casa portugueza resistente como os caracteres que as povoavam.

Nos plainos mais recuados, abalando do norte, na direcção dos ponteiros do relógio, na rebrilhação doirada do sol a escuridade das telhas de Gondomar, toda ella uma officina caseira de filigranistas; as aguas faiscentes do Douro, a corcova de Crestuma e S.

lanço, tudo parece findar breve, alli a nossos pés e aos pés da crença, entre um verdor de granja e a audacia de uma vertente. Depois, a gente vae-se acostumando, andando, andando, e lá descortina mais um soute e mais a sombra de umas pedras historicas, e mais uma povoação notavel, e mais o termo d'um concelho estranho e mais um monumento esboçado na indecisão da distancia; e quando tudo nos parece rematado por uma franja de pinheiraes ou atado pela fita de um carvalhal, — a toalha ondeada do mar da Granja, esmaltado ao sol de fogo, destingindo o azul do céu de Portugal, clama de lá: aqui ainda é Gaya, quanto mais Portugal!

E não sómente se avista o *habitat* natural; vislumbra-se tambem o habitante.

Terras de congostas e de plainos, de seccadal e de rios, de milheiraes e de praias, com pontos dominantes mas sem a altitude que estica as pernas do serrano e o faz alto e sêcco de carnes e de genio, — geraram um homem meão, forçado, dono de uns peitoraes de aço e uns bicipides aos quaes se pode amarrar a boia de um fundeadouro. E d'esse razoavel exemplar physico, o meio, com angulos de costa, reintrancias de margem e ondulações gracias de ravina, subindo da beira rio tenazmente, pacientemente pela quebrada arriba, — o meio fez um temperamento brusco com as suas encostas, e affavel como as baixas dos seus vales, de uma multipla



Villa Nova de Gaya. — Mosteiro da Serra do Pilar (face do nascente)

Martinho de Arnellas; rodando do nascente, as campinas de Aveiro que n'esse dia ennevoadas e n'essa hora em que a crepitação da luz estival arrebatava a deslimpidez da nevoa e da distancia, parecem de todo embriagadas da luz irisada que os sãos das suas dunas desprendem; os dois riscos da estrada real guiam-nos para a freguezia das Vendas de Grijó; flecha o sul, dominando prenuncios do concelho da Feira, o granito de um telegrapho antigo signalando noticias do convento de Grijó e das terras de Sermonde; e ao encaminhar-nos para os poaes do ocaso, os saibros da estrada da Granja e os mares de Espinho e da Granja, debruando a lhama o matiz dos pinhaes.

Por fim, fechando o circulo, do poente para o norte, Serzêdo, Gradas Verdes envolvendo Arcozêlo, Golpilhares, o castro de Perosinho, Perosinho, a serra de Canélas, o esfumado do Porto, e Gaya mais cá.

E' um avistadouro ambicioso que alembra, pela megalomania do horisonte, qualquer d'esses disfructos do concelho de Barcellos, de Espozende ou da Penha, d'onde é facil ver as ruinas do castello de Faria abater a pluma do seu fêltro cavalheiresco ante as mysticas macerações do Sameiro.

Ahi, n'essa capellinha da Senhora da Saude que uma pobre mulher rodeava de joelhos estremes na terra e na pedrilha, com um filho acavalado no quadril e a superstição no espirito; n'esse ascensorio se tem a singular e mixta impressão de que a terra gayense é maneirinha e breve, e, logo, de que é immensa.

Ella começa, com as suas repousadas campinas, com os seus claros-escuros d'agua e de matta, por nos amaciara a vista, encruada do sol que nem que viesse de pousar numa esteva ardente. Ao re-

capacidade e multipla actividade, tanto deitando a mão a um rêmo como a uma rabiça, tanto dando para o commercio como para a industria, entrando no rio e no mar com a mesma familiaridade que trata a eira.

Como a sua terra que tão depressa está no cômoro de um monte como debruçado de uma repreza, o gayense, habituado á grande area do seu concelho, tão depressa é visto em Pedroso como nos apparece á porta dos seus paços municipaes ou na Praça da Batalha, no Porto; e tanto pode ajoelhar em riba de um sêrro para uma golphada de metralha, (campanhas da liberdade, na bataria da Serra do Pilar) como ajoelha para orar e arvorar num relevo de terreno num *monte da Virgem*.

O portuense se é forçado a ir a Villa Nova dispõe-se a uma travessia de lamas e a transpôr distancias continentaes; porque o portuense é creatura localisada na sua loja, para quem o mundo se confina no seu balcão, e para quem sahir a porta da rua assume vulto de empreza ou recreio de menção.

O villanovense atravessa o rio duas vezes por dia, rega çã manhã as suas flôres na *cottage* da granja ou nos canteiros da sua quinta da Bandeira e toma chá ao meio dia no seu escriptorio dos Queimados ou da Calçada das Freiras e considera-se tão perto da Praça de D. Pedro como da Fonte do cabeçudo do Campo de Manobras.

E' virtude provida da topographia da sua terra que, — numa superficie avantajada para concelho que não é cabeça districtal, mas que se acomoda todavia numa area restricta, — possui o resumo dos melhores creadores do character; o mar e a serra. E a attenuar-lhe a acção deprimente do iodo e a braveza stoica, e sobria

até a miseria, do serrano, o gayense conta com o formigal do rio e com os seus chãos pingues e já extensos.

Assim o vêmos lidar na freima embarcadiça e exportadora, afinçar-se a um balcão e só se apartar da costaneira para ir votar ou para ir acompanhar os mortos, dois deveres de cidadão conservados com a religiosidade dos pequenos povoados, meter-se ao mar e viver d'olhos pegados ás suas terras de pão, sempre com a mesma

uma dama que teve o capricho de se adaptar áquella fantasia que a finura do rosto e a louçania discreta do olhar para logo denuncia ser um disfarce.

Primeira e acima de todas está a mulher da Magdalena, um typo de belleza com delicadezas de anatomia fecunda, venus popular cuja pupilla parece ter fixado apenas as expressões estheticas da vida.



Villa Nova de Gaya
Altar da Confraria do Sacramento



Villa Nova de Gaya. — *Tumulo de Alvarianos, alferes da Ala dos Namorados, no convento de Corpus Christi*

robustez, e um equilibrio de faculdades que não é facil topar em filhos d'outro qualquer concelho.

E bem assim o conhecêmos enfronhado na industria ganadeira, nas industrias accessorias do seu commercio vinicola, nas tecelagens, na serralharia e na pesca.

A mesma orologia que lhe determina a distribuição das suas actividades, cria a multiplicidade dos seus typos: atarrécado, á borda d'agua; brunido do ar salino, nos seus nucleos piscatorios, Gaya dá á luz o delicado e formoso exemplar da mulher da Magdalena que é em creança um anjo e uma perturbação pagá em adulta.

Ver na pedra d'um rio uma lavadeira de Villar d'Andrinho é ter a illusão de queñemos deante dos olhos um cartel de costumes

E' inconfundivel mesmo para quem nunca a viu, porque é a unica mulher que numa feira da villa, num mercado da cidade ou numa romaria, entre centenas de mulheres detém a nossa admiração.

Uma manhã, caminho de Coimbrões, uma creança de dez annos descansava numa soleira, ao lado o açafate, — tão indispensavel á sua adressagem como a saia, como o chapéo, como o corpêto. Era uma carnção de escultor sacro, uma figurinha de seraphim destacado d'uma banqueta de talha renasçença, um d'estes mimos de pelle que só a belleza physica constantemente polida pelo ar temperado do meio dia pode criar.

— Donde és, menina?
— Da Madonella. (2)



Villa Nova de Gaya. — *Mosteiro de Pedroso*



Villa Nova de Gaya
Prcto de faiança (fim do seculo XVIII), decoração polychroma. Dim. 0,36. Pertence á collecção de José Queiroz

portuguêzes, tanto a paisagem parece um scenario procurado e as figuras recortadas por um estheta para o movimentar com o seu flagrante regional.

Uma simples leiteira, uma fructeira, valorizada pela sua chita de raminhos, o chapellino de maçanetas calcando o lenço cahido em pontas de manto ou apanhado na nuca em toucado alsaciano, não se acredita, que seja uma mulher do povo que á sua vida vae, mas

Não podia ser d'outro reino, d'outra provincia, d'outro concelho, d'outro rincão.

Bem dita terra gayense que tudo contém! a força dos teus homens e dos teus caracteres, a riqueza do teu sólo, a gracilidade das tuas mulheres!

Já não admira que tu sejas uma alcôfa d'artista e hajas creado uma dynastia de escultores!

Não tens tu para lhes amestrar a vista uma perenne suggestão de coisas bellas, da pureza das linhas dos seus typos á ondulosa graça do rélevo da tua geographia physica? e não teve ella para fundador d'essa escola de esculptura um genio como Soares dos Reis, figura immaculada de artista que nunca mercadejou, nunca atropellou o paciente labor da obra prima com a ambição cerceadora do tempo e do cuidado, alma que ficará sempre como modelo do que de sacrificio e de asperzeza, e de desambição e de extenuante e teimosa persecução na limpidez da obra d'arte tem de ser amassado o caracter e o talento dos que, com verdade, quizerem merecer o nome d'artistas e merecer a gratidão do povo que elles immortalisem!

Como a sua plethora de esculptores, está explicado o seu passado ceramista que ponteou de olaria toda a margem ribeirinha desde Valle d'Amores a Coimbraes.

E, pois que a graça é uma modalidade da força, explicada quèda porque ella acende tanto rastilho de peça, tanto forno de ceramica e tanta alampada de mosteiro, porque o gayense foi soldado, artista e monge.

Tudo quanto o bafo das suas aguas e das suas terras tóca, se divinifica.

O proprio panorama do Porto, de nenhum ponto da cidade tem a poesia que assume avistada de qualquer eminencia de Gaya. E' um presepe que os olhos mais costumados a vê-lo, se não cançam e se não furtam á tentação de recapitular, mal transposta a ponte.

De gatas como creança que aprende a andar, a cidade marinha pela encosta, endireitando se ao ganhar o planalto, deitando lá-cima um corpo de mulher feita. Primeiro arredonda timidamente o burgo em redor dos muros patriarchaes, acolhidinha aos braços da sua Sé. A pouco e pouco foge lhe o mêdo e de passo que perde a fé, e se affasta dos templos para se achegar das fabricas, ganha ambição, frémits de independencia e de dominio, delongando-se numa sotu-posição amphitheatrica de casaria que acena brancuras hospita-leiras ao olhar que a demande.

Depois de mirado o rio esverdinhado ou barrento, erguêr a vista para a collina da Cidade é sentir o sol n'alma. A construcção solidariamente encostada uma contra outra, anuncia-nos que nesta cidade de pedra nos esperam corações d'ouro que serão para nós solidarios tambem, pois que a brancura da casaria, entremeando aquelle sorrir de ravina, alembra um lenço branco a acenar p'rá amigos.

De noite, a dominante agulha da Torre dos Clerigos funde-se na escuridade, mas as luzes que pontilham o pendor sussurram nos serênas felicidades de lar.

E, ao ouvirmos Gaya referir se assim ao nosso berço, mais enternecidamente prêsos nos ficamos a essa linda terra Gayense, tão leal que a ninguem encobre as lindezas alheias...

JOAQUIM LEITÃO.

(1) O Solar de Plateus, da familia Vaz de Carvalho, nos arredores de Lisboa, hoje na posse do illustre escriptor senhor Chrystovão Ayres, casado com uma senhora d'aquella casa tão illustre, é, depois do Mosteiro da Costa, em Gui-

marães, e sobrelevando a este o ser residencia particular, onde ainda hoje se attesta a prodiga riqueza das decorações a azulejo: salas, corredores e até so-calcos de quintas muradas a azulejos de tapete e de figura. Mas de grande parte da casa, paredes dos corredores e de salas inteiras foi arrancado o painel de azulejo para o mestre estucador mostrar as suas habilidades. A sala de jantar octogonal, com uma taça em marmore, a meio de uma das paredes longitidinaes, onde um veio d'agua sussurra, construida para o senhor D. João V, que alli foi caçar para se reconfortar, tambem está desuadada desapiedadamente do seu formoso lambri de azulejo de que na casa de fresco ha ainda memoria.

(2) No foral de Affonso III, o inventario das freguezias da area, que veio a ser o actual concelho de Gaya, chama á da Magdalena — Madanella. E digam agora que o dizer do povo, que faz sorrir a superioridade do meio-erudito, não tem seus enraizados fundamentos!

Contra o mau cheiro das gaiolas das aves

Para que as gaiolas das aves não exalem mau cheiro, convém pôr no fundo das mesmas um pouco de sulfato de cal.

Assim, tambem se pode usar a dita substancia nos pombaes e capoeiras, com a vantagem ainda de que o adubo produzido pelos pombos e pelas gallinhas se enriquece de propriedades fertilizantes.

A côr dos beijos

(De Jane de la Vandère)

Tem sua tinta os seus e os beijos sua côr:
N'alguns, a palidez das rosas desfolhadas,
Ascende tristemente, em doces revoadas,
Aonde o sonho chora em magoa a sua dôr.

Outros brancos, assim como candida flôr
Com petalas de neve e aromas, orvalhadas
Em prantos de cristal, nas almas delicadas
Derramam um luar d'immaculado alvor.

Ha-os no doce tom discreto das violetas;
Ha-os debeis, banaes que lembram borboletas
Cinzentas, a voar em volta d'um botão.

O beijo negro e mau morde como serpente;
Mas o beijo real, que encanta o coração,
É teu beijo de sangue, um beijo rudro e ardente!

J. de Oliveira Simões.

As inundações em Paris



A porta de Ivry e as suas immediações convertidas n'um lago

Como se fazem as eleições na Inglaterra



Um individuo vestido de pelle-vermelha distribuindo listas

As ultimas eleições realizadas na Inglaterra fizeram época nos annos politicos d'esta nação. Nunca alli se tinha visto um tão extraordinario enthusiasmo em uma tão grande quantidade de votantes concorrendo ás urnas.

Os candidatos serviram-se de todos os meios legais, ainda mesmo dos mais extraordinarios para fazerem vingar as suas candidaturas. Referem-se ao assumpto as duas gravuras que publicamos.

Luiz Delfino

Morreu um grande poeta — Luiz Delfino.

Era um pensador e um artista.

Inspirar-se do verdadeiro ideal, eis o dever, o segredo, e a missão do poeta.

A poesia, quando se expande sincera, espontanea, abundante, representa um elemento de arte profundamente humano.

A poesia, sem esquecer o seu intuito principal, que é o culto da Belleza, pode e deve ser ao mesmo tempo um poderoso instrumento de transformação moral, um meio de difundir e auctorisar as grandes concepções e os sentimentos generosos. Luiz Delfino revelou nas suas primeiras composições um talento poetico superior. Perolas e esmeraldas, rubis e topazios, diamantes e granadas, tudo apparecia aos olhos do leitor extasiado.

O individualismo litterario estabeleceu-se como o individualismo politico: a maxima do *chacun pour soi* foi tão decisiva no mundo intellectual, como no mundo economico.

A poesia de Luiz Delfino possui uma individualidade distincta. Sua inspiração, sem balizas a demarcarem-lhe o vôo, libra-se nas azas de ouro e sulca as amplidões do espaço, vária e caprichosa em seus rumos.

Luiz Delfino dourou com reflexos novos a poesia brasileira, que é opulenta. Ha sonetos de Luiz Delfino tão perfeitos como os de Boccage, o Mestre d'essa forma metrica.

VISCONDE DE S. BOAVENTURA.

A sôpa atravez da historia

A palavra *sôpa*, deriva do sanscrito *supa*, caldo, mólho, ou antes da palavra *supahura*, cosinheiro, fazedor de sôpa. Um filologo allemão fez derivar o vocabulo da antiquada palavra *suffen*, que exprime a acção de fumegar qualquer coisa, os succos chamam

sod a um alimento liquido e fervido que deve tomar-se com colher.

A Biblia diz que os hebreus durante o tempo que permaneceram no Egypto «punham a panella ao lume». Gedeão — diz o livro sagrado — pegou n'um cabrito, metteo a carne n'uma panella e fez caldo.»

Os israelitas coziam a carne dos animaes novos com leite, em caçarolas, marmitas ou pucaros. Igual costume tiveram todos os semitas.

Conta Herodoto que no anno 430 A. C. os scithas que habitavam as margens do mar Negro «possuiam marmitas de que se serviam para cozer os alimentos.»

Pelo contrario, na época da guerra de Troia os gregos serviam-se de carne assada, e de Aspusia se diz que gostava de sôpa preparada com caldo de cordeiro e de frango.

A proposito dos succulentos banquetes que um rei da Thracia, chamado Khotis, offereceu aos seus subditos, por occasião do casamento de uma sua filha, conta-se tambem que se viram na praça publica fumegar numerosas caldeiras cheias de um liquido a ferver. Este soberano primitivo quiz tornar-se popular e, cingindo o classico avental com que se adornam os cosinheiros, distribuiu n'aquella occasião aos seus vassallos, empunhando uma concha de ouro, a alludida sôpa. O famoso *caldo negro* dos espartanos, não era mais do que uma sôpa composta de carne de javali, cozida com o sangue do animal e temperada com sal e vinagre.

Os antigos gaulezes, bem como os allemães, sabiam cozer em enormes marmitas a carne dos seus gados e distribuiam ao caldo um papel importante na alimentação. Quando Tannhauser, regressou de Roma á Thuringia sem ter conseguido obter a absolvição do Papa, conta a lenda que «Venus preparou apressadamente uma sôpa bem condimentada.»

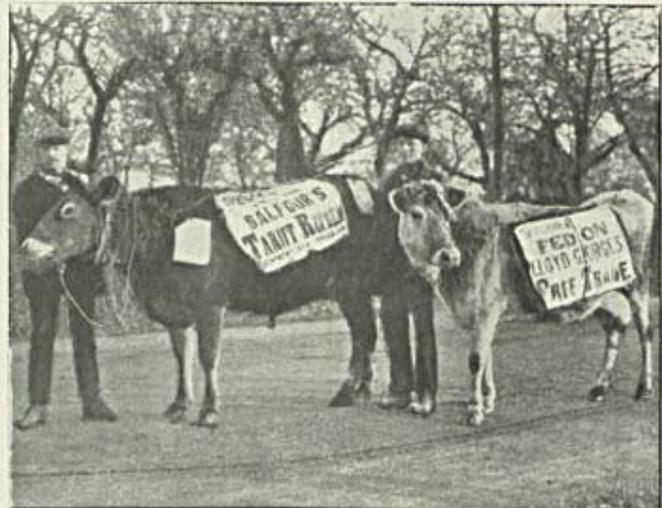
Os anglo saxões conheciam tambem a sôpa e comiam-na de duas especies: uma feita com carne de porco, e outra cozendo passaros e amendoas.

Durante a Edade-Média fez-se grande consumo de sôpas nos conventos. Um escriptor do seculo xiii refere que na mesa dos abbades se serviam sempre cinco ou seis pratos de sôpa. N'um concilio celebrado por aquella época prohibiu-se que os noviços tomassem mais de um prato de sôpa ao dia.

No seculo xviii lêem-se nos documentos nos quaes pode constatar-se que se apreciava a bondade do caldo conforme o numero de olhos que o mesmo apresentava depois de cozinhado. Um celebre prégador allemão d'essa época, o padre Santa Clara, n'um dos seus sermões sempre cheios de imagens brilhantes, fazia esta comparação: «uma jovem que quer ser respeitada deve ser como uma sôpa de hospital que não tem muitos olhos. E' necessario que os olhares sejam modestos e que não se volvam de um lado para o outro.»

N'um livro de cosinha impresso em Nuremberg em 1691 lêem-se 117 receitas de diferentes sôpas, e n'outro livro que em 1717 appareceu em Salburgo, vêem 218 processos para preparar sôpas gordas, e 163 para a confecção de sôpas magras.

Cita-se uma porção de personagens que tiveram verdadeira paixão pela sôpa. A duqueza de Orleans refere que Luiz XIV comia todos os dias quatro pratos de sôpas variadas. Quando os medicos lhe recommendavam dieta, alimentava-se com caldos em que deitava



Como se fazem as eleições na Inglaterra

A vacca gorda representa o estado de prosperidade a que chegará o povo inglez ganhando os conservadores e a magra a fome que se sentirá nos campos caso sejam accites as reformas de Lloyd George

pedacinhos de pão. Frederico o Grande, era tambem um amator de tal alimento, mas temperava-o com gengibier e mostarda. A imperatriz Isabel da Austria, que morreu de um modo tragico, comia sôpa tres vezes ao dia. O imperador Guilherme I, da Allemanha, tomava sôpas feitas com caldos que obedeciam a esta receita: 12 libras de carne, 14 borrachos e 2 frangãos.



Theatros

As peças que atravessaram a época carnavalesca estão a dar a alma a Deus. Não vale a pena occuparmo-nos d'ellas, que foram exclusivamente destinadas à travessia de alguns dias, sem outra preocupação que não fosse fazer rir um publico, que n'esse tempo de folia, tambem por assim dizer, não tem outra.

Cumpriram dignamente, fartamente, o seu papel no **D. Amelia** o **Theodoro & C.**, o **Stradivarius** e sobre todas a **Feira do Diabo**, em que o espirito de Schwalback, correndo à redea solta, estava nas suas sete quintas, desopilando figados, e fazendo rir a bandeiras despregadas os mais macambusios.

Com as **Perallas e secias**, o **Serão das Larangeiras**, e outras comédias interessantes do seu repertorio, encheu **D. Maria** a sua época de Carnaval.

A **Viuca Alegre** foi o prato do dia em uns poucos de theatros de Lisboa, salientando-se pela *mise-en-scene*, pelo luxo do guarda-roupa, e pela excellencia do desempenho, a **Trindade** e o **Colyseu dos Recreios**, mostrando a companhia infantil, n'este ultimo, que tomaram muitas *peçoas grandes* rivalisar em canto, em arte, em poder de interpretação, com esses pequenos artistas que em tantas operas teem atraído a sympathia e conquistado os applausos do publico de Lisboa.

No **Avenida**, o **Vendedor de passaros** tem todas as noites o condão de fazer vender no camaroteiro todos os bilhetes de entrada.

No **Prncipe Real** e na **Rua dos Condes** as duas Revistas não envelhecem, não havendo Carnaval ou até Semana Santa que

quando representa intelligencia, trabalho e vontade, bastaria a provocar a nossa recommendação e o nosso applauso. Um d'elles, o segundo, é collaborador do *Brasil-Portugal*, e esta qualidade confessámos que n'este momento o prejudica, porque tem de ser limitado o nosso elogio para que não peça aos maldizentes um cartão de agradecimento.

Um impulso de verdade obriga-nos comtudo a felicita-lo pela manifestação do seu talento de comediographo que se expande e brilha no **Moysés**. E os dois moços escriptores, por tal maneira se fundem e identificam n'esse seu primeiro trabalho theatral, que os louvores conferidos a um teem de ser igualmente partilhados pelo outro. E ambos os merecem sem favor porque em todos os actos d'essa comedia desopilante ha acção, ha sequencia logica das scenas, ha por vezes graça, achados felizes, aqui e alem, e, sempre, facil e excellente linguagem theatral.

Jesuina, Palmyra Torres, Albuquerque, e Alegirim, que para noite da sua festa escolheu o **Moysés**, deram tanto relevo ás phrases e ás situações principaes, que justo é terem direito a uma boa parte dos applausos com que na noite de hoje vão ser consagrados os auctores e os interpretes.

GILIATT.

Maximas de Alexandre Dumas para uso seu e que seriam da maior vantagem para todos

- 1.ª — Caminha duas horas por dia.
- 2.ª — Dorme sete horas por noite.
- 3.ª — Nunca te deites sem ter somno.
- 4.ª — Levanta-te, logo que acordares.
- 5.ª — Trabalha, logo que te levatares.
- 6.ª — Não comas senão quando tiveres fome.
- 7.ª — Não bebas senão quando tiveres sede, e sempre lentamente.
- 8.ª — Não fales senão quando fôr preciso.
- 9.ª — Não digas senão metade do que pensares.
- 10.ª — Não escrevas senão o que puderes assignar.
- 11.ª — Não faças senão o que puderes dizer.
- 12.ª — Não estimes o dinheiro nem mais nem menos do que vale: o dinheiro é um bom servo, e um mau amo.

THEATROS. — Theatro do Gymnasio



(Cliché de A. C. Lima).

Uma scena da «Nova Agencia Feminina»

lhes resista. Este **Sol e Sombra** e aquelle **Fado e Maxixe** estão destinadas a eternisar-se no cartaz, parecendo rejuvenescerem no palco todas as noites.

Não tendo tido sorte igual as que passaram pelo **Paraizo de Lisboa**, prova-se mais uma vez que *não ha mal que não acabe*, por isso que a companhia hespanhola de zarzuela está chamando áquella vasta casa de espectaculos uma concorrência desusada que se não farta de applaudir as primeiras figuras da companhia.

Muito de proposito reservámos para o fim o theatro do **Gymnasio**, onde na noite de hoje se celebra uma festa de auctor, ou melhor, de auctores, porque são dois aquelles que escreveram o **Moysés**, aquelles que hoje vão receber do publico uma bem justa homenagem. Victorino Roquete e Ruy dos Santos são dois novos—e esse titulo,

ERRATA

Por lapso de revisão sahio errada a ultima quadra dos versos **Cantigas**, do nosso presado collaborador J. de Oliveira Simões, publicados no n.º 265 d'esta Revista. Em vez do que sahio deve ser:

A gente ama sem querer;
Quer esquecer, não alcança.
Pode amar-se até morrer
E morrer sem esperança.